

Articulação entre a química e a educação especial: relato de experiência de prática pedagógica

Indira C. B. Pires^{1*}, Braulio de V. A. Tostes², Izabel P. R. de Araújo³, Giovanna N. da S. A. O. Rocha⁴, Laiane H. S. Sousa⁵, Hilze B.O. Moura Siqueira⁶ (profa. Orientadora)

1. Estudante de Licenciatura em Química, IFSERTÃO-PE, Petrolina/PE; *dira_brito@hotmail.com.

2. Estudante de Licenciatura em Química, IFSERTÃO-PE, Petrolina/PE.

3. Estudante de Licenciatura em Química, IFSERTÃO-PE, Petrolina/PE.

4. Estudante de Licenciatura em Química, IFSERTÃO -PE, Petrolina/PE.

5. Estudante de Licenciatura em Química, IFSERTÃO-PE, Petrolina/PE.

6. Profa. do Colegiado de Física, IFSERTÃO -PE, Petrolina/PE.

Palavras Chave: *Educação Especial, química, Educação de Jovens e Adultos.*

Introdução

Todos os indivíduos devem ter direito e a oportunidade de adquirir novos conhecimentos. A área da educação especial deve abranger uma grande diversidade de ações educativas com equipes multidisciplinares capaz de propiciar um ensino adequado às necessidades físicas, mentais e sociais dos discentes¹. Entre as ações, inclui-se a da Educação de Jovens e Adultos (EJA) como espaço de emancipação para a formação da cidadania. Apesar disso, a literatura aponta a necessidade de haver uma articulação de apoio entre os professores de escolas comuns e os de educação especial a fim de garantir a aprendizagem dos alunos e sua formação com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela². Frente a essa demanda, o objetivo desse trabalho foi apresentar uma atividade de ensino de química, vinculada à disciplina Prática Pedagógica II, propondo ações em etapas distintas direcionadas a alunos da Educação de Jovens e Adultos com deficiência física ou intelectual matriculados na modalidade de EJA.

Resultados e Discussão

Trata-se de um relato de experiência de licenciandos do curso de Química do IFSERTÃO-PE. A prática pedagógica foi desenvolvida na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de uma cidade pernambucana de médio porte da região do Vale do São Francisco no período de fevereiro e março de 2016, com duração média entre três e quatro horas por encontro. Inicialmente, houve contato com a instituição para explicitação do trabalho e obtenção do consentimento; em seguida, a imersão em sala para auxiliar nas observações sobre a estrutura física da instituição, as relações entre professor-aluno e os recursos pedagógicos aplicados; e, por último, a experiência prática de aula expositiva dialogada para turma, com uma média de 30 alunos. Utilizou-se de recursos audiovisuais e lúdicos, além de atividade experimental envolvendo o tema “A química, a matéria, seus estados e suas implicações no meio ambiente”. Os resultados permitiram perceber limitações nas estruturas físicas e nos recursos didáticos da instituição, porém qualidade na relação entre aluno-professor. Apesar dessa boa relação, os alunos participantes mostraram mais entusiasmo, curiosidade e participação na aula ministrada pelos licenciandos do IF. Fato que pode estar associado à metodologia utilizada por estes, ao introduzirem a química básica, unindo conhecimento prévio dos alunos à suas realidades e aos novos conhecimentos, de maneira lúdica e interativa. Destaca-se ainda, outros aspectos importantes como a paciência para ensinar os conteúdos nessa turma de educação especial, a preocupação com experimentos não perigosos e uso de elementos que remetessem ao

cotidiano ou à realidade dos mesmos. Isso corrobora com o pensamento de Paulo Freire³ que busca estratégias facilitadoras concretas para o aprendizado aliadas a metodologia e experiência, fazendo com que o aprendiz possa refletir e agir sobre sua realidade, a fim de transformá-la.

Conclusões

A experiência da prática pedagógica mostrou-se fundamental à medida que possibilitou aos licenciandos de química fazer uma articulação entre os conhecimentos teóricos específicos de sua área com os pedagógicos adquiridos ao longo dessa disciplina, contribuindo para uma formação atenta aos aspectos dos processos ensino-aprendizagem, as relações interpessoais e as posturas comprometidas com saber sistematizado, mas também, com um fazer sensível comprometido ao social, conhecendo as peculiaridades e desafios enfrentados, principalmente no que se refere à inclusão de pessoas especiais que necessitam de um olhar mais cuidadoso. De modo geral, acredita-se que a educação se faz a partir do compartilhamento de “saberes” e, os alunos da APAE permitiram essa rica experiência de formação.

Agradecimentos

Agradecemos à instituição APAE-Petrolina por abrir as portas e nos ceder o espaço necessário para realização das atividades tão engrandecedoras.

1. Gouveia, Zulma M. dos S. B. Educação Especial – Sistema de Ensino Presencial Conectado, Universidade Norte do Paraná, pólo de Tangará da Serra – MT, 2011

2. Campos, Juliane A.P.P. Duarte, M. (2011). O aluno com deficiência na EJA: reflexões sobre o atendimento educacional especializado a partir do relato de uma professora da educação especial Rev. Educ. Espec., Santa Maria, v. 24, n. 40, p. 271-284.

3. FREIRE, Paulo. (1996). Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Publicação original.